

# A pedagogia da esperança em As aventuras de Ngunga\*

Marcelo José Caetano\*\*

## Resumo

Este estudo busca explicitar, em *As aventuras de Ngunga*, a proposição de uma pedagogia utópica que, revisitando o mito sebastianista português, implica uma rasura no discurso hegemônico europeu. O objeto de investigação é a utopia como modo de projeção de novas realidades o qual, na medida em que busca ultrapassar situações históricas indesejáveis, revela o contexto sócio-político vivenciado.

Palavras-chave: Literatura angolana; Pepetela; Ngunga; Sebastianismo; Utopia.

O livro *As aventuras de Ngunga* foi escrito, de acordo com Pepetela, em um fôlego de dez dias, durante o processo de libertação angolana em 1972, e publicado, em forma mimeografada, um ano depois, em plena floresta do Mayombe. Inicialmente, a obra deveria ser uma espécie de cartilha para a alfabetização ou, conforme Mata (1999), “uma singela narrativa sobre o cotidiano das zonas libertadas durante a luta de libertação para servir de material didático nas escolas” (p. 32).

A obra traz, em seus 29 curtos capítulos, a história do pequeno órfão Ngunga – personagem-símbolo da luta pela independência angolana – em suas peripécias pelos kimbo e em seu caminho rumo à consciência de si mesmo e do papel do natural de Angola no embate que se travava com a metrópole portuguesa. Nesse livro, ao referir-se ao processo da independência angolana, a narrativa desenha cenários em que se explicitam as contradições do exercício da dominação do colonizador sobre o colonizado. Desse modo, aflui, na narrativa, uma consciência que percebe a alteridade que introduz, conforme Bhabha (1998),

\* Excerto de tese de doutoramento, intitulada *Margens da história, limites da utopia: uma análise de Muana Puó, As aventuras de Ngunga e A geração da utopia*, de Pepetela.

\*\* Professor de Filosofia, Mestre e Doutor em Literaturas de Língua Portuguesa – PUC Minas.

[...] no processo de julgamento e interpretação cultural aquele choque repentino do tempo sucessivo, não-sincrônico, da significação [...] A própria possibilidade de contestação cultural, a habilidade de mudar a base de conhecimentos, ou de engajar-se na guerra de posição, demarca o estabelecimento de novas formas de sentido e estratégias de identificação. (p. 228)

A narrativa que constitui *As aventuras de Ngunga* pode ser lida da perspectiva desse “choque repentino” de que fala Bhabha, ou seja, sob o ponto de vista da irrupção de forças que se opõem ao *status quo* – que é também pedagógico – e instauram domínios de resistência e reafirmação simbólica da identidade. A obra é performativa desde sua intenção e, nesse sentido, realiza-se como provocação desarmônica aos princípios ideológicos coloniais. Além disso, ela inspira a discussão sobre uma nova pedagogia que sustentaria a trama simbólica, da resistência ao colonizador e da construção de uma nova identidade definindo os ânimos e os sentidos possíveis da história de Angola.

*As aventuras de Ngunga*, por desenvolver uma reflexão sobre os ideais que encorajaram a luta pela independência de Angola, tem, indubitavelmente, um caráter didático. Entretanto, ao se considerar que os personagens e os fatos que constituem a história dessa luta são retomados segundo a perspectiva criadora da narrativa ficcional, torna-se possível dizer que o livro de Pepetela ultrapassa a intenção didática que o originou, vindo a configurar-se como poiésis. Utilizando-se da forma literária para reconstituir os acontecimentos e sentimentos que animaram o contexto angolano da pré-independência, Pepetela adota uma voz problematizadora e, desse modo, estabelece o que Mata (1999) elucida como sendo “um diálogo extremamente ativo entre o país vivido e vivenciado pela consciência coletiva e filtrado pela consciência individual do escritor, entre o país ideal e o país real” (p. 30). Assim, se é possível identificar um viés didático na narrativa de *As aventuras de Ngunga*, não se pode, contudo, falar de uma lição a ser assimilada como a verdade última do indivíduo ou da coletividade.

*As aventuras de Ngunga* constrói o ambiente onde se desenvolve a consciência coletiva e, ao mesmo tempo, reflete sobre as expressões específicas da comunidade. Desse modo, nesse discurso performativo vislumbra-se uma nova pedagogia que, simultaneamente (re)desenha os lugares de ação do angolano, articulando-o em uma nova configuração, ou em uma contra-narrativa, e procura romper com as forças que dificultam “a busca da assunção de si por si mesmo” (FREIRE, 2002, p. 47).

Na medida em que fala sobre os comprometimentos dos indivíduos e dos grupos que interagem no contexto da luta pela independência, o livro de Pepetela explicita os níveis de consciência e as ações que lhes são correspondentes. Assim, a história de Ngunga constitui, muitas vezes, uma denúncia da corrupção

que pode estar instalada entre os próprios angolanos, mostrando que a construção do novo país não implica apenas uma luta com o colonizador, mas também um combate interno às velhas mentalidades. Exemplar no que diz respeito à representação de uma personalidade individualista, contrária ao ideal coletivo de edificar uma nação, é o chefe Kafuxi, que, “quando chegava um grupo de guerrilheiros [...] mandava esconder a fuba. Dizia às visitas que não tinha comida alguma” (PEPETELA, 1983, p. 15).

No contexto do conflito de interesses, da tensão entre o mundo desejado e a realidade, entre o um ideal ético e as atitudes efetivas, desenvolve-se a reflexão do menino Ngunga:

Ngunga pensava, pensava. Todos os adultos eram assim egoístas? Ele, Ngunga, nada possuía. Não, tinha uma coisa, era essa força dos bracitos. E essa força ele oferecia aos outros, trabalhando na lavra, para arranjar a comida dos guerrilheiros. O que ele tinha, oferecia. Era generoso. Mas os adultos? Só pensavam neles. Até mesmo um chefe do povo, escolhido pelo Movimento para dirigir o povo. Estava certo?

Ngunga constitui uma espécie de superego para os angolanos que lutam pela independência do país. A voz desse menino órfão e solitário cujo nomadismo redesenha o mapa de Angola, elabora a consciência social almejada como o bem mais precioso de uma nação que ainda não conquistou a maturidade e que, por isso, além dessa consciência, não possui mais nada verdadeiramente seu. Contudo, a força que emana de tal consciência, com a força dos “bracitos” de Ngunga, é suficientemente poderosa para desencadear a ação, para alterar a realidade concreta das coisas. Tanto que, à reflexão do menino, segue-se, no livro de Pepetela (1983), uma atitude:

Ngunga não falou. Começava a perceber que as palavras nada valiam. Foi ao celeiro, encheu uma quinda<sup>1</sup> grande com fuba, mais um cesto. Trouxe tudo para o sítio onde estavam as visitas e o Presidente Kafuxi. Sem uma palavra, poisou a comida no chão. Depois foi a cubata<sup>2</sup> arrumar as suas coisas. Partiu, sem se despedir de ninguém. O velho Kafuxi, furioso, envergonhado, só o mirava com os olhos maus. (p. 16)

Como se verifica nos trechos citados, a passagem de Ngunga pelo kimbo do camarada Presidente é decisiva para evidenciar uma oposição que se espera de um angolano no processo que constrói a sua independência e as atitudes que sustentam a pedagogia colonial. De um lado, está Kafuxi, velho oportunista que procura lucrar em todas situações e que se situa aquém dos ideais que deveriam estar

<sup>1</sup> Em quimbundo, é uma espécie de cesta.

<sup>2</sup> Casa rústica.

inscritos na consciência do colonizado em sua luta libertária. De outro lado, encontra-se Ngunga, como uma consciência que evolui para um estágio de comprometimento com os propósitos da luta que se trava em seu país, pois sabe da solidariedade que se deve exercitar na edificação de uma nação livre das imposturas colonizatórias. O confronto entre essas duas consciências – representada por Kafuxi e Ngunga – constitui um cenário sociopolítico problemático, bem mais complexo do que o pressuposto pelo discurso histórico que se atém à organização temporal dos fatos. Pepetela vence, assim, a tentação fácil de abordar a luta pela independência de Angola como uma disputa cujos contendores são nitidamente identificáveis, dividindo-se simplesmente entre colonizadores e colonizados. Revelando, nas atitudes do próprio colonizado, a assimilação do propósito de garantir a satisfação individual em detrimento das necessidades coletivas, um propósito característico do colonizador, a narrativa do escritor angolano põe em questão, além de tudo o conflito entre mentalidades. Pepetela mostra que não é suficiente triunfar sobre o outro, mas deve-se triunfar sobre si mesmo. Desse modo, a narrativa do próprio Pepetela triunfa sobre o discurso pedagógico de caráter panfletário vindo a ocupar um lugar fundamental na literatura angolana, o qual, segundo Mata, “[...] advém do fato de ele ser um escritor que continua na senda de escrever o país, antecipando até as discussões mais incômodas. [...], vivendo de uma ciência de tensões que dinamizam a narrativa através da gestão que as personagens fazem dessas tensões entre a unidade e a diversidade, entre o diferente e o mesmo” (MATA, 1999, p. 32-35).

O discurso que se cria em *As aventuras de Ngunga* é, por um lado, desordem, visto que provoca o colapso das certezas coloniais, e, por outro lado, desejo de uma nova ordem, que torne ser possível uma realidade pós-colonial. Dito de outro modo, ele é utopia – projeção não-temporal e não-espacial que permite escapar do presente indesejável e opressor vivido pelos colonizados – e, ao mesmo tempo, vontade de se construir um novo presente histórico satisfatório e libertador.

Em *As aventuras de Ngunga*, Pepetela propõe uma pedagogia da esperança que se realiza como uma temporalidade que interrompe a pedagogia impositiva colonial, estabelecendo um “tênue limite entre os poderes totalizadores do social como comunidade homogênea, consensual, e as forças que significam a interpelação mais específica dos interesses e identidades contenciosos, desiguais, no interior de uma população” (BHABHA, 1998, p. 207).

O romance faz emergir uma outra noção do que é ser angolano, “que não se refere simplesmente a eventos históricos ou a componentes de um corpo político patriótico” (BHABHA, 1998, p. 206), isto é, não diz respeito somente à história da libertação nacional, mas aos sentidos que se podem conferir a essa experiência factual, tomada em toda a sua amplitude coletiva, individual e espiritual.

Os movimentos da consciência de Ngunga – relativa a si mesmo, aos outros e às mudanças que devem ocorrer em seu mundo e em sua cultura – constituem, no livro de Pepetela, o processo angolano de identificação sócio-cultural, explicitando a necessidade de engajamento político nas frentes de combate e enfrentando o nó górdico da questão angolana: no contexto em que ainda prevalecem as diretrizes impostas pela metrópole, encontrar os termos da reflexão sobre a libertação nacional e realizar as condições da passagem do colonial ao pós-colonial. O problema liminar da identidade nacional, ou seja, da vontade de superação da supremacia que a metrópole exerce sobre o colonizado, traduz-se, assim, como experiência de uma situação concreta de tensão e cisão. A aspiração à liberdade emerge, em *As aventuras de Ngunga*, como desejo atuante, que busca, no plano dos acontecimentos objetivos, romper com a passividade e resignificar as relações socio-políticas, constituindo uma mentalidade geral que desaloja as regras exauridas dos antigos classicismos. O desejo instaura a dinâmica factual e discursiva ou, nas palavras de Édouard Glissant (1980), novos encadeamentos lógico-discursivos e lógico-operacionais.

Ao apresentar, na história de Ngunga, articulações discursivas e operacionais alternativas àquelas utilizadas pelo pensamento colonialista, Pepetela busca definir novas fronteiras político-identitárias. Entretanto, antes de demarcá-las, aborda a questão fundamental pressuposta pela idéia de limite: localizar as convergências e as divergências nos âmbitos do discurso e das ações, reconhecendo o que fazer, como fazer, contra quem ou a favor de quem. Afinal, quem é o inimigo? Onde se localizam as idéias e os comportamentos que se quer combater? Visto que tais idéias e comportamentos, contrariamente ao que deve supor uma visão maniqueísta, não podem ser mapeados de uma vez por todas, pois constituem a dinâmica social, é preciso realizar a catarse do próprio ser. Nessa perspectiva, Pepetela não está somente descrevendo a trajetória de alguém que vai paulatinamente desbravando seu caminho rumo à consciência de si mesmo, ou seja, a trajetória particular de Ngunga, mas descrevendo um caminho possível para que o angolano encontre-se consigo mesmo. Assim, na curta narrativa sobre as peripécias de Ngunga, Pepetela anuncia o requisito básico para a independência: lançar-se no percurso que rompe com os pressupostos do processo colonial, sem se desesperar, sem se acomodar, pois a história que se quer viver precisa ser construída com a participação de todos e de cada um.

Na medida em que desenvolve uma consciência mais crítica, Ngunga (re)avalia os princípios e os valores vigentes na cultura angolana. Em uma cena memorável, na qual critica as formas do alambamento em sua cultura, a opressão e o esmagamento do que é belo em seu mundo, Ngunga encontra Mavinga e lhe conta sobre os seus planos de fugir com Uassamba – sua jovem e “perdida” paixão. Mavinga

o demove de seus planos, pois Uassamba já havia se casado, conforme os costumes locais, com Chipoya. Nosso herói, ao ver seus planos frustrados, entende que o mundo deveria mudar, que ele precisava fazer alguma coisa, mesmo que tivesse que abandonar tudo de que gostava – Uassamba, os companheiros e, até mesmo, o próprio nome –, para que isto viesse a ocorrer. Assim, desiludido pela impossibilidade de suas paixão ser correspondida por Uassamba, Ngunga deixa o kimbo de Chipoya:

Ngunga só se despediu de Mavinga. Explicou-lhe por que queria ir secretamente. Pediu-lhe para não contar a ninguém aonde ia e não voltar a falar de Ngunga, que tinha morrido nesta noite inesquecível. E não revelou o seu novo nome ao Comandante. Partiu sozinho para a escola.

Um homem tinha nascido dentro do pequeno Ngunga. (PEPETELA, 1983, p. 57)

O pequeno órfão “morreu”, efetuou a passagem para a existência adulta, assumindo novo nome e nova vida, “desaparecendo” do cenário da luta como presença física reconhecível, mas ressurgindo como símbolo da esperança, dos ideais libertários de seu povo. O espectro de Ngunga, transcendendo a própria história de seu país, é a mão do vento que sustenta a chama, alimentando o imaginário coletivo, absorvendo e refletindo os desejos de libertação e inspirando o projeto antropológico e existencial angolano. O escritor benguelense delimita, desse modo, o empreendimento de constituição do ser angolano independente, desenhando o bom lugar ainda não histórico onde as aspirações políticas, sociais, culturais e ontológico-existenciais abrem a possibilidade de um novo mundo, ou seja, de uma realidade em que as contradições e os antagonismos coloniais sejam superados.

Pepetela insiste na coletivização do seu protagonista, fazendo com que ele responda simbolicamente o desafio que consiste em alterar uma realidade social profundamente desigual, em que as forças contraditórias da dominação e da submissão cristalizaram-se nos diversos níveis das relações interpessoais. Em *As aventuras de Ngunga*, refletindo sobre o tempo vivido, sobre a experiência do aqui e agora, Pepetela apresenta o ser do angolano em seu momento de abertura ao mundo e à história, atualizando a esperança e conduzindo os homens a seu momento verdade – à construção de sua identidade. O escritor converte em palavra o sentido de ser, ou seja, seu discurso se funda como substrato ontológico que alimenta o imaginário e a existência do povo angolano.

A história das peripécias de Ngunga persiste na recusa de papéis submissos para o homem angolano. Após o desaparecimento do pequeno órfão, evidencia-se a impossibilidade da espera e, assim, estende-se o aspecto pedagógico do romance. A narrativa fala da necessidade de o homem colonizado se fazer em um

novo ciclo de vida, descobrindo a si mesmo, opor-se aos interesses individualistas, a fim de produzir o mel para todos. Perde-se o caráter existencial do protagonista do romance e intensifica-se seu estatuto ontológico. Nesse sentido, Ngunga não é ninguém. Ele é a representação simbólica do nível de consciência que se deve alcançar, de um estágio de vida em que a ação e o discurso se harmonizam, viabilizando a criação de um mundo menos marcado pela dualidade, sobretudo sem padrões nem criados.

*As aventuras de Ngunga* é uma história protagonizada por seres humanos, em cenários onde os acontecimentos se projetam com a clareza própria dos fatos concretos. Não há, nessa história, expectativas de antropomorfização, pois não se depara com morcegos nem corvos; nenhuma criatura notívaga assombra o território percorrido por Ngunga. Não se espera também que a escuridão ceda lugar à luz, transportando as personagens para o mundo dos sonhos, dos desejos plenamente realizados, visto que a luz, aqui, deve ser entendida como lucidez. Na história do pequeno órfão, diferentemente do que ocorre em *Muana Puó*, a liberdade não é uma conquista imediata, não pode ser concebida como fruto que se colhe intacto após um período de luta, aquele período doloroso mas quase imperceptível que constitui a passagem da noite para o dia e culmina na revelação – plenitude frustrante da imaginação que não tem raiz na realidade.

Indubitavelmente, existem descaminhos na história de Ngunga. Por exemplo, há a paixão que não se pode concretizar entre o jovem protagonista e a menina Uassamba. Entretanto, o mistério começa a ser desvendado. A máscara de Muana Puó não se revela totalmente, mas também não assombra, nem afasta aquele que quer enfrentá-la. A necessidade de buscar novos caminhos anima a tessitura de *As aventuras de Ngunga*, que se elabora como procura de um destino que transcenda aquele traçado pela metrópole portuguesa. Assim, contrariamente ao que se verifica em *Muana Puó*, Calpe seria, da perspectiva de *As aventuras de Ngunga*, um sonho ilusório que desvia os esforços para campos inférteis. Depara-se com a mesma esperança, porém ela é agora transposta em ação, conduzindo ao que se quer e se precisa fazer para que o homem renasça novo em um mundo onde possa se reconhecer a si mesmo.

É possível dizer que *As aventuras de Ngunga* se constrói como interface desconstrutiva do mito sebastianista português. No relato de além-mar, vislumbra-se, em extensão, aquilo que é essencial na construção da esperança angolana: a procura incansável de um sentido que transcenda a realidade histórica imediata, um significado mais perene que perpassa e, ao mesmo tempo, delimite a “alma” nacional. Contudo, não se pode ver na narrativa do escritor benguelense uma mera cópia daquilo que configura o imaginário e a identidade lusitanos.

O mito do Encoberto, ou Desejado, constitui o acervo temático-explicativo

das narrativas das esperanças do povo português. A personagem mítica D. Sebastião tem a função de justificar fracassos históricos de Portugal no que diz respeito à manutenção de uma nação estável e poderosa, promovendo, ao mesmo tempo, a auto-estima e a esperança portuguesas. O mito e a esperança alimentam-se da promessa de retorno do herói salvador capaz de traçar novos rumos para a nação. Conforme afirma Joel Serrão (1983), a alma lusitana, “[...] ingênua na sua candidez – tombado o edifício imperial, desconjuntado e condenado o sistema de idéias patrióticas [...] abraçava-se à natureza, fazendo do lendário D. Sebastião um gênio, um espírito – e da própria natureza de sua história, um mito” (p. 11).

Desta maneira, o Desejado passa a figurar como aquele que reúne os ideais nacionais, sintetizando, no imaginário coletivo, as aspirações do povo português com respeito ao destino da nação.

Criado pelos sentimentos de receio e frustração, o mito sebastiano tem, em seu escopo, o desejo de (re)construção nacional, a vontade de fazer um país diferente daquele em que se vive. Paradoxalmente, no entanto, ele não pressupõe, ainda, um amadurecimento da consciência. O mito de D. Sebastião corresponde a um estágio de pré-consciência do que precisa ser feito, enquanto, em um estágio de consciência as vontades devem ser desdobradas, transcendendo o apelo salvacionista, propondo uma performance contra-pedagógica que vise instaurar uma nova realidade, de homens livres e responsáveis por si mesmos.

Ngunga representa o guerrilheiro-modelo, norte dos caminhos e das esperanças, fazendo-se, por um lado, presença que atualiza o imaginário coletivo nacional e delineando-se, por outro lado, como substrato ontológico, a nova base de valores que deverá sustentar a identidade nacional a ser construída. O herói que se espera não está distante daqueles que o tomam como referência, mas habita o íntimo de todos, impelindo cada um ao renascimento, ao amadurecimento de suas potencialidades. Enquanto, na narrativa sebastianista, a espera de um herói salvador distante dificulta o amadurecimento da subjetividade, pois não exige a auto-avaliação do sujeito na construção de seu próprio destino, em *As aventuras de Ngunga*, o protagonista provoca a subjetividade, desafiando os valores construídos e impelindo à ação. Ngunga é uma presença viva, uma força que se desacomoda e provoca a emergência de uma subjetividade madura, ciente de si mesma e do seu papel no processo histórico em curso. É dessa perspectiva que se pode dizer que o menino órfão é o protótipo das esperanças da nação, ou seja, é a célula-mater da representação utópica angolana. No *topos* imaginário que se instaura na narrativa das aventuras do menino, Pepetela desdobra os fatos históricos, elaborando o ânimo que deve fundamentar a trajetória que constrói a liberdade nacional.

O ambiente sócio-político em que a história de Ngunga se desenvolve, assim como o ambiente em que surge o mito do Encoberto, caracteriza-se pelo medo,

cuja primeira explicação é a paralisação, e pelo traumatismo decorrente da experiência intolerável da submissão. Nesse ambiente, a personagem de Ngunga erige-se como proto-herói que, através de sua própria trajetória, deve indicar não propriamente o caminho certo para chegar ao fim da jornada, mas os meios de enfrentar a jornada, vencendo medos e traumas.

À medida que o espectro de Ngunga é amplificado, sua (oni)presença anima os angolanos a se engajarem, a se tornarem partícipes de sua própria história. A força dessa convocação está em que ela não limita o processo de independência aos campos de batalha, mas também o associa à convicção de que no íntimo de cada um deve haver a certeza de que se irá fazer de Angola uma pátria livre e soberana, onde a própria vida, como afirma Agostinho Neto (1982), faz desabrochar mais vontades nos olhares ansiosos dos que passam:

Nos homens  
ferve o desejo de fazer o esforço supremo  
para que o Homem  
renasça em cada homem  
e a esperança  
não mais se torne  
em lamentos da multidão  
A própria vida  
Faz desabrochar mais vontades  
nos olhares ansiosos dos que passam. (p. 44)

O texto de *As aventuras de Ngunga* é [entre]tecido a partir do drama complexo de homens e mulheres que sofrem, vivendo em uma realidade com a qual não se identificam e na qual sua humanidade não pode se manifestar integralmente, pois encontram-se despedaçados por uma ideologia que os reduz a sombras imperfeitas, ontologicamente defeituosas, de um modelo humano prefixado – o povo lusitano, que compartilha das qualidades supostamente insuperáveis pelo povo. Nesse contexto, o rosto de Muana Puó, dirigindo um novo rito de passagem, começa a mostrar-se. Entretanto, não é máscara da mulher que se vê, pois os espectadores, iniciando seu próprio rito de amadurecimento, seu aprendizado, devem ver a si mesmos. Agora, o enigma que se abre, o decifra-te ou devora-te angolano, permite ouvir o som de outras vozes, outros chamamentos para a luta, audíveis, por exemplo, na letra e na voz do poeta angolano Agostinho Neto (1982, p. 126):

Não esperemos os heróis  
sejamos nós os heróis  
Unindo as nossas vozes e os nossos braços  
cada um no seu dever.

## Abstract

In this article, the pedagogy of hope appears in *As aventuras de Ngunga* through a proposition of a Utopian pedagogy that, revisiting the Portuguese Sebastianist myth, implies a blotch in the European hegemonic discourse. The object of this investigation is Utopia as a mode of projection of new realities, which critically reveals the socio-political context as it endeavours to overcome undesirable historical situations.

Key words: Angolan Literature; Pepetela; Ngunga; Sebastianism; Utopia.

## Referências

- AGOSTINHO NETO, Antonio. *Renúncia impossível*. Luanda: INALD, 1982.
- AGOSTINHO NETO, Antonio. *Sagrada esperança*. Lisboa: Sá da Costa, 1979.
- AGOSTINHO NETO, Antonio. *Sobre a literatura*. Luanda: UEA, 1978. (Cadernos Lavra & Oficina)
- ALVES, Henrique L. *et al.* *A voz igual*. Porto: Angolê, 1989.
- ANDERSEN, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BLOCH, Ernst. *El principio esperanza*. Madrid: Aguilar, 1977.
- BOAVIDA, Américo. *Angola: cinco séculos de exploração portuguesa*. Luanda: U.E.A., [s.d.].
- CABRAL, Roque (Dir.). *LOGOS: Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*. Lisboa: Editorial Verbo, 1992.
- CAETANO, Marcelo José. *O Eu e o Outro em Sagrada Esperança*. Dissertação (Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa) – Curso de Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1995.
- CAMPOS, Maria do Carmo Sepúlveda. *As aventuras de Ngunga: nas trilhas da libertação*. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia. *Portanto... Pepetela*. Moçambique: Chá de Caxinde, 2002. p. 261-268.
- CHAVES, Rita. *A formação do romance angolano*. São Paulo: Via Atlântica, 1999.
- CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia. *Portanto... Pepetela*. Moçambique: Chá de Caxinde, 2002.
- DAVIDSON, Basil. *Os africanos: uma introdução à sua história cultural*. Lisboa: Ed. 70, 1989.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

- FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- HAMILTON, Russel. *Literatura africana, literatura necessária*. Lisboa: Ed. 70, 1988.
- MATA, Inocência Luciano dos Santos. *Ficção e história na obra de Pepetela: dimensão extratextual e eficácia*. Tese (Doutorado em Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa) – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2003.
- MATA, Inocência Luciano dos Santos. Um escritor (ainda) em busca da utopia. In: INSTITUTO CAMÕES – CENTRO CULTURAL PORTUGUÊS. *Homenagem a Pepetela*. Luanda: Instituto Camões, 1999. p. 30-56.
- MATA, Inocência Luciano dos Santos. *Pepetela: a releitura da história entre gestos de reconstrução*. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia. *Portanto... Pepetela*. Moçambique: Chá de Caxinde, 2002. p. 219-236.
- PADILHA, Laura Cavalcante. *Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*. Niterói: Eduff, 1995.
- PADILHA, Laura Cavalcante. *Jogo de Cabra Cega*. Gragoatá, Revista do Instituto de Letras da UFF, Niterói, n. 1, p. 97-109, 2. sem. de 1996.
- PEPETELA [PESTANA, Artur Carlos Maurício]. *As aventuras de Ngunga*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1983.
- ROSÁRIO, Lourenço do. *Pepetela: o Homero angolano*. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia. *Portanto... Pepetela*. Moçambique: Chá de Caxinde, 2002. p. 255-258.
- SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- SERRÃO, Joel. *Do sebastianismo ao socialismo*. [S.L.]: Livros Horizonte, 1983.

